



A CTAS DA VI
REUNIÃO
INTERNACIONAL
DE CAMONISTAS

Seabra Pereira
Manuel Ferro
Coordenação

NA LUZ DE PLATÃO: DE PETRARCA A CAMÕES

Mais de dois séculos separam Petrarca de Camões, quase dois de Garciláso. É de crer que, na ordem complexa da criação espiritual e poética, o impacto do tempo e das transformações que ele pode comportar em épocas da autêntica revolução civilizacional e cultural, como foram as que sinteticamente confluíram no Renascimento, não é da mesma natureza. A História, a sensibilidade, o que chamamos visão do mundo, do tempo de Petrarca e dos dois maiores poetas petrarquisantes da Península, parecem quase inconciliáveis, ou apenas aproximáveis para sublinhar o que os distingue e não o que por cima da temporalidade exterior os possa mover. Mas no mundo do espírito, como se dizia ao tempo de Valéry, ou da Cultura como ainda se diz hoje, a temporalidade obedece a outra lógica. Pode aproximar-se mais daquela que se visa na ordem religiosa quando se fala na comunhão dos santos.

No caso das relações entre Petrarca e os que deviam ser vistos como os seus longínquos filhos poéticos, essa lógica mística foi singularmente ajudada pelo primeiro grande milagre comunicacional, o de Gutenberg. Em manuscrito, Petrarca, como Dante, como Boccaccio, poderiam ter ficado num tempo quase inacessível. O *Canzoniere*, impresso nos alvares do Renascimento, tornou-se de súbito e de novo contemporâneo dos poetas e dos homens cultos do século XVI. É por demais conhecida a maneira como através da célebre publicação dos poemas de Boscán e também de Garciláso, se não o próprio Petrarca, a sua lírica se converteu num modelo e revolucionou a constelação poética da Península. Em que sentido e com que consequências é o que importa ao nosso propósito e em particular à presença do platonismo que à sua influência se deveria.

Como já não estamos na época em que as ideias acerca do platonismo e sobretudo do não platonismo circulavam como imagens de Épinal, segundo a expressão feliz de Vítor Aguiar e Silva no seu primeiro livro de ensaios camonianos (*Camões: Labirintos e Fascínios*), contribuição magna para o nosso tema, talvez seja ocioso lembrar uma famosa e injustíssima *boutade* do meu muito amado Pessoa. Todos se lembram que Pessoa, para marcar a sua pouca consideração pela lírica camonianiana, insinuou claramente, – ou publicou – que *todas aquelas comoventes lágrimas camonianas* corriam directamente dos olhos de Petrarca. Quer dizer, estávamo-nos comovendo com ele em lugar do outro. Isto é, naturalmente, indefensável, mas tem ao menos o mérito de sublinhar em estilo provocante que Camões não é verdadeiramente inteligível – e paradoxalmente apreensível na sua autêntica originalidade – fora da constelação lírica que tem Petrarca

no centro. E o mesmo se diga, até com mais razão, de Garciláso. Sabe-se isso, diz-se isso, mas passa-se à frente, ou bastante ao lado, para não suscitar não sei que eruditos ciúmes em Amor e Marte.

A presença petrarquista e o género dela já foi objecto de considerável atenção em Espanha. Mas, se não cometo imprudência, não suficientemente em Portugal até ao recentíssimo exame de Aguiar e Silva. Claro que já foram assinaladas, e há muito tempo, pelo mais célebre dos seus comentadores os *emprunts* que tanto Garciláso como Camões fizeram ao texto petrarquiano. Mas muito como quem assinala que este ou aquele pedacinho de pedra provém da pirâmide de Gizeh. Não é bem, nem de modo algum o caso. Os mundos de Garciláso e de Camões – mesmo com outro género de mediações como os de Ariosto ou Sannazaro – não em termos de *imitacio* do perfil positivista, mas objectivamente, convivem e conviverão para sempre com o de Petrarca, não por repetição de sintagmas numerosos ou estilemas, nem sequer por afinidade de temática amorosa ou de adopção dos mesmos, ou parecidos, esquemas formais – e não é pouco – mas porque são etapas de mitologia amorosa a que Petrarca deu uma configuração ao mesmo tempo imitável e inimitável e através dela, de uma re-escrita com o novo espírito – sobretudo no que diz respeito a Camões – dos textos fundadores da melancolia Moderna que são o *Cancionere* e o *Trionfi*.

Homem do Renascimento, um – com o que isso sugere, ou sugeria ainda no tempo de solar primavera do mundo, com o Homem no seu centro –, Homem do seu crepúsculo o de um novo tempo, o outro, ambos estão inscritos nessa galáxia de Melancolia que é feita apenas de consciência intensa – e no caso de Camões dolorosa e desesperada – de terem entrado num mundo não apenas dominado pela Fortuna – deusa do Acaso, do desconcerto ou do sentido em plena cultura cristã, outrora guiada e sustentada na ideia da Providência mas pela convicção, bem mais forte que a do próprio Petrarca, da ausência de finalidade redentora para o obscuro da nossa vida. Une-os a todos, naturalmente, a paixão ou o culto da Beleza, da beleza terrestre em si e do seu papel enquanto educadora e a seu modo consoladora, ou mesmo sob o disfarce, também petrarquiano, da «minha cara inimiga», do impetuoso e cavalheiresco génio em Garciláso ou do mudo génio de vingança camoniana que a amena vida do cantor de Laura necessitou menos. Mas no texto dos seus poemas – que é o único espelho fiável dos seus destinos para nós – desune-os a diversa forma, e não só, com que a vida os viveu mas como eles viveram a crucial experiência do *amor*, malgrado a forma, o tipo de cultura, a memória mítica em que a converteram e no-la deram a ver.

Claro que não é possível esquecer a famosa atmosfera espiritual e intelectual das respectivas épocas, com a avassaladora impregnação neo-platónica que aproxima Garciláso de Camões e separa ambos de Petrarca. E desta impregnação, em fiel sintonia com a *metafisica do Amor* de Marcilio Ficino, sem precisarmos de recorrer aos Bembo e aos Leão Hebreu que lhe deram uma forma mais acessível, faz parte de uma maneira diversa da figura e do sentido que o Amor tem em Petrarca, uma outra ideia dele, que é a de uma *energia universal* que percorre o Universo e que não podemos identificar ao Amor que na *Divina Comédia* (e na divisão cristã do mundo mais tradicional) *move o sol e as estrelas*, nem ao Amor segundo Petrarca que é a sublimação de um amor incomparável e único ou – como antídoto – a Graça que, através da morte, o redime e o eleva a uma condição eterna.

Há já ninfas, decorativamente amáveis símbolos da Beleza que em Laura está mais perfeita, mas *não Faunos* como em Camões superlativamente existem, expressão desse *amor que se confunde com a vida mesma* e sua indomável onipotência sobre a Natureza, os homens, os heróis, os próprios deuses. Ou em Garciláso com menos fervor erótico, como na *Elegia Primeira* – gênero compósito como já aqui foi sublinhado – composição grave dirigida ao Duque de Alba para o consolar pela morte do jovem irmão e em que o Poeta, para remédio de tanta tristeza, lhe aconselha, mais epicurísticamente, que se distraia com ninfas e sátiros. É nessa passagem de Garciláso que, como tantas, vem lembrar alguma coisa aos leitores dos *Lusíadas*:

“Sátiros, faunos, ninfas, cuya vida
sem enojo es para, moradores
de la parte repuesta y escondida,
com luenga experiêcia sabidores,
buscad para consuelo de Fernando
hierbas de propiedad oculta y flores;
así en el escondido bosque, quando
ardiendo en vivo y aguada de fuego
las fugitivas ninfas vais buscando,
ellas se inclinan al piedoso ruego
y en recipro lazo están ligadas,
sin archivar el amoroso juego.”

Este quadro que só o Renascimento no seu esplendor pagão podia *inspirar*, com o mais famoso guerreiro em Leonardo camoniano, além do lado picante e insólito de estar inserido numa *consolação*, dá às *consabidas*, mas então ainda inexpressas relações abissais entre Eros e Thanatos, o lugar que ele tem na vida, mas a que tão sensível foi a poesia da gente para quem o jogo do amor e os jogos da morte eram, por assim dizer, a maior ocupação. Esta relação é em Camões igualmente imensa pois, como Garciláso, era homem de pena e espada, a expressão é de Garciláso... Não é nestes tempos que Eros e a Morte dialogam na lírica petrarquiana. Adoçam-se um com a outra num processo de transfiguração do sujeito amoroso ou da morte, pela mesma morte sublimada, como num dos mais belos versos jamais escritos: *La Morte bella parea en su bel viso*.

A presença da Morte, não como mera metáfora do sofrer ou morrer pelo cruel amor, num jogo preciosista que vinha do *Dolce still nuovo*, nada tem de original nem em Garciláso nem em Camões, salvo que um e outro – mas sobretudo Camões nos *Sonetos* e nas *Canções* – levam esse jogo a um refinamento que abole todo o trágico inerente às faces de *Janus* de toda a experiência amorosa. Só com a experiência afectiva da morte da amada – tanto em Garciláso, como em Camões – o recurso à visão neo-platónica, mais realisticamente em Garciláso, mais idealizante em Camões, oferece uma *resposta* ao que a não tem. Garciláso e Camões já habitam com naturalidade – quer dizer em segundo grau – o planeta do *amor como literatura*, descoberto e percorrido em todos os sentidos por Petrarca. Por isso são mais desenvoltos e menos submissos ao código idolátrico a que o poeta de Laura se submeteu.

São poetas de várias flamas ou, pela escassa vida, de uma intensa chama, tanto mais que é a de um amor aceite e traído, como em Garciláso. Mas o papel da imortalização, da divinização por Petrarca reservado ao Amor, não será mais esquecido. Na grande poesia do Renascimento os amantes que a morte separa sonharão, também como Petrarca, de uma vida eterna do amor, de uma realização mais duradoura, de um sentimento submetido, «cá na terra», à mudança e à morte. Mas então será a amada que, no quadro neo-platónico de uma orientação do amor, semelhante à dos astros, deterá o poder de chamar para junto dela, no além feliz e eterno onde a morte a instalou, o Poeta que ficou ainda sentado nas margens do tempo. O movimento parece o mesmo de Petrarca e mais o parece num poema com tantas ressonâncias petrarquistas, como o mais que celebre *Alma minha gentil que te partiste*.

Todos sabemos que Camões pede à mulher amada que o chame para junto dela. Mas não nos ofusquemos com este dualismo tão clássico e de certo modo tão cristão entre *céu e terra* e entre amor vivido aqui e lá cima; é sempre da *divinização* do amor que se trata. E, no caso de Garciláso, essa “outra vida” nada tem de *etério*, é a mesma vida, o amor terrestre, enfim livro e liberto numa nova terra descrita com a mesma paixão e amor pelas paisagens desta vida que ele visiona para Elisa e onde ele se visiona, no que é uma das mais belas expressões do sentimento neo-platónico da existência que o Renascimento nos deu:

“Divina Elisa, pues agora el cielo
[...]
y su mudanza vez, estando queda,
? Porquê de mi te olvidas y no pides
que se apressura el tiempo en que este velo
rompa del cuerpo, y verme libré pueda,
y en la tercera rueda
consigo mano a mano
busquemos outro llano,
busquemos otros montes y otros rios
otros valles floridos e sombríos”

Talvez que se Camões não tivesse sido tão consciente que era já, inapelavelmente, um habitante de um continente poético-lírico ou épico, não insistisse tanto nas “verdades já por mim pensadas”, nas *verdades puras*. Com efeito, embora tivesse ardido em tantas flamas, Camões, ao fim e ao cabo, não teve *Musa*, nem à maneira de Petrarca, mítica e cientemente mitificada, nem à maneira de Garciláso que a teve morta em vida para ela e só viva na morte. Não há tema mais constante em Camões que o da Ninfa em fuga, em perpétua fuga, no fundo pura miragem como Tétis para o Adamastor. O seu destino, humano e de poeta, não era o de subir do céu à terra, mas de tocar *terra* que abraçada não fosse «nuvem, sombra, fumo ou nada». O neo-platonismo nele – as redondilhas de *Sóbolos Rios* talvez nos ofusquem em excesso – é um neo-platonismo de sonho, que de resto ele assume para não sucumbir, tão moderadamente, ou tão pré-barrocamemente, ao fascínio da *pura ilusão*. De tudo, ou do que para ele e para nós será *tudo*, o consolou a única Musa: o Canto, e seu próprio canto, a *Canção*, que já na sua primeira invenção era solilóquio da alma a sós consigo.

Se a essência do platonismo é aspiração infinita, como tal vivida e sentida, como tal *pensada*, poucas poesias haverá no mundo mais platónicas que a de Camões. Mas o céu não é nenhum empíreo. É o seu impaciente e insatisfeito coração e, talvez mais ainda, o seu inquieto e inquietante *pensamento* que não foi apenas acto de meditação ou de desvairados e contrários desejos, mas *pensamento do mundo*. Do mundo em todos os sentidos mas sobretudo do mundo como enigma exigindo, sem descanso, que o decifremos. Toda a grande poesia é visão do mundo. Mas é num sentido novo e específico que a poesia de Camões, no seu todo, é verdadeiramente poesia como pensamento do mundo. Pensamento de um mundo novo, num sentido óbvio e exterior, claro está, mas mais profundamente pensamento do lugar do homem neste mundo novo e do homem em geral, que neste mundo novo – de repente – no momento mesmo da sua revelação como universo pleno de maravilhas não mergulha a humanidade – ao menos a que Camões representava – no êxtase da afirmação e da alegria (salvo em pintura), mas na perturbação da alma e na vertigem do pensar. Pela primeira vez, de uma maneira voluntária, consciente de si mesma, a poesia portuguesa em Camões torna-se numa forma quase desesperada de atenção ao sentido da vida, ao seu mistério, ao espectáculo de uma contradição que parece afectar, ao mesmo tempo, a ordem do mundo e a ordem do pensamento, para nada dizer do sentimento, campo privilegiado da emoção poética.

Camões na encruzilhada da cultura europeia, precisamente quando a Idade Média se tornara fantasmagórica e o Renascimento, penetrado do saber deste mundo, se convertia numa Ilha de Amores profanos e de sonhos sem piedade para aqueles que não dispunham nem do poder nem do dinheiro. Somente no seu coração, o primeiro vasto como o mundo, a Poesia se tornou condenação e êxtase, vida como alto Desejo onde o sentido do mundo brilha ainda sem encontrar um objecto à sua medida.

Sem dúvida existe a vida heróica – mas ela pertence ao passado – *Os Lusíadas* reinventam-na para encontrar nova pátria mais habitável que o presente ensombrecido e há sobretudo o *Amor*, essência platónica do verdadeiro Desejo, forma de presença e de plenitude que só a *ausência* salva do desencanto e do tédio, mas que permanece, apesar de tudo, o coração da vida:

“Erros meu, má fortuna, amor ardente,
Para minha perdição se conjuraram.
Os erros e a fortuna sobejaram,
Que para mim bastava amor somente.”

Deste amor *in absentia*, certas canções sob o modo da nostalgia e da saudade de si mesma saudosa são o eco imperecível. Entre toda aquela que é uma espécie da quadratura do círculo do sentimento, maior do que a visão platónica da vida, platonismo do platonismo, a *Canção X* que todos temos na memória, um dos mais belos poemas de amor e da amargura da nossa literatura e creio também da literatura universal:

“Que desculpa comigo que buscava
quando o suave Amor mo não sofria
culpa na coisa amada, e tão amada!”

Que papel tem a idealização platonizante nesta queixa transcendente do mal do amor não o sei dizer. Que é Petrarca sublimado e revolido em si mesmo, parece-me mais claro. A coisa amada é carinhosamente reduplicada para curar a ferida sem cura do Puro Amor que, se no seu mundo, já não movia tão intensamente o sol e as estrelas como no de Dante, iluminou a noite do seu plural e insolúvel coração.